



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

A MULHER NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA DO INÍCIO DO SÉCULO XX:
leitura de *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto

ANA MÉRCIA SOARES BENJAMIM

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2022

ANA MÉRCIA SOARES BENJAMIM

**A MULHER NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA DO INÍCIO DO SÉCULO XX:
leitura de *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva.

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B468m Benjamim, Ana Mercia Soares.
A mulher negra na literatura brasileira do início do século XX: leitura de *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto [manuscrito] / Ana Mercia Soares Benjamim. - 2022.
50 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2022.

*Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHA.*

1. Mulher. 2. Racismo. 3. Literatura Brasileira. 4. Lima Barreto. I. Título

21. ed. CDD B869.9

ANA MÉRCIA SOARES BENJAMIM

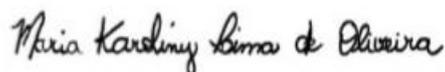
**A MULHER NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA DO INÍCIO DO SÉCULO XX:
leitura de *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto**

Aprovada em: 21 / 07 / 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva - UEPB/CAMPUS IV
(Orientadora)



Prof^a. Me. Maria Karoliny Lima de Oliveira – UEPB/CAMPUS IV
(Examinadora)



Prof. Especialista Fábio Ferreira Lopes – Membro Externo
(Examinador)

Dedico este trabalho a minha avó, **Sebastiana Clara de Jesus** (*in memoriam*), por ter sido uma figura materna marcante na minha vida e, ao mesmo tempo, um símbolo representativo de todas as mulheres negras nordestinas, sempre me incentivou a buscar o caminho da educação. Tenho certeza de que independente de qualquer lugar que esteja neste momento, está feliz por esta glória e grande conquista.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, primeiramente, por ter me proporcionado a realização deste trabalho, pela força espiritual e a certeza de que sempre estive ao meu lado perante as adversidades da vida, pois acima de qualquer circunstância prevaleceu a fé da construção até à chegada da conclusão nesta etapa na minha trajetória acadêmica.

À minha mãe, **Rita Sebastiana Soares**, pelo cuidado, apoio e compreensão, a maior incentivadora de todos os meus sonhos. Aos meus tios, **Joana Luzia de Freitas e José Aécio Benjamim**, pessoas sem as quais eu não teria conseguido chegar até aqui. Me permitindo seguir o fluxo da emoção, posso dizer que são os meus exemplos de força, perseverança e determinação para sonhar e acreditar nos projetos aparentemente mais impossíveis no universo.

Ao meu professor de redação, **Lima Júnior**, pelo amparo e por ter sido meu alicerce, uma vez que estive ao meu lado desde o início dos meus estudos acadêmicos, sendo a primeira pessoa que realmente acreditou no meu potencial, ampliou meu horizonte de expectativa, um ser de luz que fez total diferença na minha vida, pelo qual tenho profunda admiração e respeito.

À minha querida e dedicada orientadora, **Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva**, por toda dedicação, paciência e compromisso na orientação e realização deste trabalho. Além de ser um exemplo de uma mulher forte, com uma história de superação, é uma das minhas maiores referências feminina pelo cargo profissional que exerce.

Ao **Prof. Esp. Fábio Ferreira Lopes**, que gentilmente aceitou integrar a banca examinadora deste trabalho de conclusão de curso.

A dedicada **Prof^a. Me. Maria Karoliny Lima de Oliveira**, que desde início da minha solicitação para participar da integração final deste trabalho se prontificou genuinamente de forma educada e respeitosa. Obrigada por transmitir conhecimento e ser um exemplo de inspiração para nova geração docente.

Aos meus amigos e colegas do curso, por todos os momentos especiais que vivemos juntos, pois, são memórias inesquecíveis. Agradeço, também, a todos os professores do curso de Letras da UEPB do Campus IV, que foram peças fundamentais para o meu desenvolvimento intelectual e aprendizagem de ensino. Especialmente à **Prof.^a Marta Lúcia Nunes**, pela dedicação e orientação como coordenadora de área do programa institucional de Bolsas de iniciação à Docência

(Residência Pedagógica – RP), o qual tive a honra de ter participado, pelas orientações significativas de todas as atividades, observações, elogios e críticas que foram imprescindíveis para o meu crescimento profissional.

A todos os meus amigos, em especial **Mariele Mendes Alves, Edson da Silva Dutra e José Lima de Araújo**, pela cumplicidade, amizade e carinho, pelo incentivo constante com palavras de conforto que foram essenciais nos momentos difíceis e necessárias para seguir nesta trajetória com muito mais força, perseverando sempre na vontade do nosso galardão, visto que neste momento é regado à um único sentimento de gratidão.

Ao secretário do curso de Letras UEPB – CCHA/ Campus IV, **Francisco Bezerra da Costa**, por ser um profissional sempre bem humorado, receptivo e atencioso, disposto a ajudar nos momentos de dúvidas em relação às matrículas, agradeço pela contribuição significativa durante minha passagem por esta universidade.

Por fim, gostaria de agradecer a todos aqueles que por ventura contribuíram e compartilharam os mesmos projetos e objetivos de vida, seja de forma direta ou indiretamente durante todo o meu percurso dos meus estudos acadêmicos, meus sinceros e eternos agradecimentos.

Por esse intrincado labirinto de ruas e becos é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozes impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio de Janeiro. [...] O subúrbio é o refúgio dos infelizes. [...] Que é que você diz, sua negra? [...]

- Ora, vejam vocês, só! É possível? É possível admitir-se meu filho casado com esta...

As filhas intervieram:

- Que é isto, mamãe?

A velha continuou:

- Casado com gente dessa laia... Qual!... Que diria meu avô, Lord Jones, que foi cônsul da Inglaterra em Santa Catarina- que diria ele, se visse tal vergonha? Qual!

Parou um pouco de falar; e, após instantes, aduziu:

- Engraçado, essas sujeitas! Queixam-se de que abusaram delas... É sempre a mesma cantiga... Por acaso, meu filho as amarra, as amordaça, as ameaça com faca e revólver? Não. A culpa é delas, só delas...

(Lima Barreto)

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar o romance *Clara dos Anjos* (1948), do escritor Lima Barreto, procurando identificar o papel da mulher representado na obra. Partimos do estudo analítico dos principais personagens da narrativa, sobretudo os que fazem parte do núcleo familiar da protagonista, evidenciando seus aspectos culturais, históricos e sociais, no intuito de perceber a condição da mulher no início do século XX, período em que Lima Barreto publicou sua obra. Embora existam muitos estudos acerca desse romance, notadamente no que se refere ao tema investigado nesta análise literária, ressaltamos que a condição da mulher, especialmente a mulher negra e pobre, ainda merece discussão diante do fato dessa mulher ainda continuar socialmente desvalorizada. Ou seja, a sociedade em geral ainda coloca a mulher numa situação subalterna, discriminando-a pela cor da pele e impondo uma condição inferior. Nesta perspectiva, vale a pena reler *Clara dos Anjos* e refletir sobre sua representação, relacionando-a ao papel da mulher de hoje, um século depois da publicação do romance de Lima Barreto. Desse modo, consideramos a Literatura Brasileira como um importante instrumento de denúncia, uma vez que o autor aponta a desigualdade social e o racismo presente na narrativa vivenciados por Clara, mulher negra e pobre do subúrbio do Rio de Janeiro no início do século XX, pondo em destaque, conseqüentemente, a opressão das classes sociais, sobretudo as minorias periféricas dos grandes centros urbanos, realidade muito presente nos dias atuais. Trata-se de um estudo de caráter bibliográfico que toma como referencial teórico autores que versam sobre a análise da narrativa, a exemplo de Gancho (2004) e Candido (2010), além de estudos que discutem e analisam o romance em questão, como é o caso de Mansano (2020) e Vasconcellos (1992). A análise demonstra que, apesar da luta do movimento feminino, o racismo e a pobreza se constituem como elementos de resistência a serem enfrentados pela mulher negra e, por extensão, por toda sociedade brasileira.

Palavras-chave: Mulher. Racismo. Literatura Brasileira. Lima Barreto.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the novel *Clara dos Anjos* (1948), by Lima Barreto, seeking to identify the role of the women represented in the work. We begin from the analytical nucleus study of the main characters of the narrative, especially those who are part of the protagonist's family, highlighting their cultural, historical and social aspects, in order to understand the condition of women in the early 20th century, period in which Lima Barreto publishes his work. Although there are many about that novel, notably with regard to the theme investigated in this literary analysis, we emphasize that the condition of women, especially black and poor women, still deserves discussion, as they remain socially undervalued. In other words, society in general still insists on placing women in a subordinate situation, discriminating against them based on skin color and imposing an inferior condition. From this perspective, it is worth rereading *Clara dos Anjos* and reflecting on her role, relating her to the role of today's woman, a century after the publication of Lima Barreto's novel. In this way, we consider Brazilian Literature as an important instrument of denunciation, since the author points out the inequality and racism present in the narrative experienced by Clara, a poor black woman from the suburbs of Rio de Janeiro at the beginning of the 20th century, putting consequently, the oppression of social classes, especially peripheral minorities in large urban centers, is highlighted, a reality that is very present today. This is a bibliographic study that takes as theoretical reference authors who deal with the analysis of the narrative, such as Gancho (2004), Candido (2010), in addition to studies that discuss and analyze the novel in question, as is the case of Mansano (2020) and Vasconcelos (1992). The analysis shows that, despite the struggle of the women's movement, racism and poverty constitute elements of resistance to be faced by black women and, by extension, by the entire Brazilian society.

Keywords: Woman. Racism. Brazilian Literature. Lima Barreto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 LIMA BARRETO: O ESCRITOR DAS DESIGUALDADES SOCIAIS	15
1.1 O TEMA DA MULHER NA OBRA DE LIMA BARRETO	18
2 IDENTIFICANDO E CARACTERIZANDO OS PERSONAGENS CENTRAIS DE CLARA DOS ANJOS	23
3 A MULHER NEGRA EM LIMA BARRETO É A MESMA DE HOJE? O QUE MUDOU?	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

A crítica literária em geral costuma afirmar que a obra *Clara dos Anjos*, do escritor Lima Barreto (1881 – 1922), foi concluída no ano que marcou o falecimento do autor, porém, só veio a público em 1948. Trata-se de um romance que pertence ao pré-modernismo do início do século XX com uma narrativa que ocorre no subúrbio do Rio de Janeiro.

Nessa perspectiva, o romance de Lima Barreto possibilita uma releitura, se apresentando como um importante veículo de denúncia, especialmente no que diz respeito à discriminação racial e social, aspecto bastante contemplado em toda sua obra uma vez que o próprio autor foi vítima de preconceito. A reinterpretação da obra instiga grande interesse em perceber mais profundamente de onde vem o sentimento de desamparo social e injustiça em que se enreda a personagem Clara, que retrata a realidade de desigualdade social e a vulnerabilidade suburbana da mulher negra, bem como a ausência da voz feminina das periferias, que resiste aos preconceitos de uma sociedade que se divide pela cor da pele, desqualificando aqueles de cor negra.

Opressão é o termo que define a condição de Clara, mulher pobre e ingênua, traços que nos possibilitam afirmar que talvez por isso, tenha se deixado enganar por Cassi Jones. A condição oprimida de Clara nos mobilizou a querer reler a obra e refletir a condição da mulher. Além de pobre, ela era negra, o que só aumenta o peso da sua condição e nos faz refletir a mulher de hoje, que sendo pobre e sem estudo não encontra muita oportunidade no mercado de trabalho, e socialmente ainda é estigmatizada por causa de sua cor.

Desse modo, apontamos como objetivo geral neste trabalho analisar o romance *Clara dos anjos*, detendo-nos na análise dos personagens principais, notadamente aqueles que giram em torno do núcleo familiar da protagonista, sem deixar de considerar seus aspectos culturais, históricos e sociais. Especificamente, buscaremos destacar os pontos de desigualdade social e racial vivenciados pela protagonista, bem como ressaltar a atualidade do romance de Lima Barreto como uma obra de grande importância para o debate em torno do enfrentamento do preconceito racial vivenciado pela mulher no contexto da Literatura Brasileira, o que nos possibilita afirmar que o romance se destaca como uma fonte rica de crítica social.

Para a construção do trabalho, recorremos a estudos já realizados em torno da obra, a exemplo de Vasconcellos (1992) e Mansano (2020); para a construção da análise propriamente dita dos personagens da narrativa, foi indispensável à revisão dos trabalhos de Gancho (2004), Candido (2010), dentre outros.

Quanto à organização do presente trabalho, se estrutura em três momentos: inicialmente, fazemos uma rápida apresentação do autor Lima Barreto, ressaltando a importância da sua escrita em relação ao contexto na Literatura Brasileira, focalizando, sobretudo, o fato de discutir em suas obras temas polêmicos que refletem as desigualdades sociais; na segunda parte, nos propusemos a identificar e caracterizar os personagens centrais da obra em destaque e, por último, realizamos uma leitura cuidadosa da protagonista da obra, relacionando sua experiência com a mulher negra de hoje, buscando mostrar que pouca coisa mudou em relação à realidade de *Clara dos Anjos* no que diz respeito à classe social, racismo e lugar na sociedade.

Esperamos que o trabalho possibilite a ampliação do debate sobre o papel da mulher na sociedade atual, especialmente a mulher negra, que ainda sofre grande pressão social pelo fato de ser negra, que continua tendo sua voz silenciada pela sociedade branca e preconceituosa. As escolas, as comunidades, e, enfim, a própria sociedade precisa encarar o preconceito estrutural que ainda persiste no presente, refletindo o racismo que Lima Barreto denuncia em seu romance, e respeitar os marcos legais que criminalizam o racismo no Brasil.

Além disso, é cada vez mais necessário educar nossas crianças e jovens para tratar as pessoas em pé de igualdade, sem diferenciação pela classe social e cor da pele. Nesse aspecto, os professores têm na Literatura um caminho amplo e proveitoso para provocar o debate.

Por fim, a decisão em analisar o contexto narrativo da obra *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, partiu da minha livre e espontânea vontade, portanto, o prazer de apreciar a obra teve início em uma leitura prévia por volta dos meus dezoito anos de idade, haja vista que o título do livro estimulou minha curiosidade sobre a história da personagem principal.

Claro, que ler *Clara dos Anjos* no final da fase da minha adolescência, devido minha imaturidade cognitiva não tive como perceber a real noção dos motivos que levaram Clara ter o desfecho narrativo de uma forma tão dramática e trágica para a sua vida e diante da sociedade.

Portanto, hoje já na fase adulta tive alegria de reler esta obra na disciplina Literatura Brasileira da Modernidade II, contemplada neste curso de Letras de Língua Portuguesa, logo, que tive a oportunidade de reler percebi o sentido do contexto da obra e todos os aspectos culturais e históricos que envolvem a narrativa dos personagens, me encantei com a simplicidade da escrita de Lima Barreto e o seu lado visionário de perceber o papel da mulher na sociedade, e os resquícios de exclusão perante a mulher negra que infelizmente permanece sendo notificadas diariamente em tempos atuais.

1 LIMA BARRETO: O ESCRITOR DAS DESIGUALDADES SOCIAIS

Lima Barreto nasceu no dia treze de maio de 1881, sete anos antes da abolição da escravidão. Filho de um tipógrafo e uma professora primária, ambos mulatos, o que remete para os leitores das suas obras a relação da sua vida pessoal com a sua escrita ficcional, já que sofreu preconceito por ser negro, em muitas fases da vida foi apontado como homem branco e, depois como pardo no próprio manicômio, quando foi internado. (SCHWARCZ, 2017).

No tocante à esfera profissional, foi jornalista, cronista e escritor. Enquanto jornalista, Lima Barreto publicou reportagens escritas para o *Correio da Manhã* em 1905, bem como fundou, em 1907, a revista *Floreal*, que publicou apenas quatro números. (SCHWARCZ, 2017).

Enquanto escritor, o autor entra no mundo ficcional a partir de publicações em folhetos e, posteriormente, de livros. Nesse sentido, podemos citar a publicação do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* em 1909. Lima Barreto publicou obras que variam entre romances e crônicas que ganharam fama e reconhecimento até os dias atuais, como por exemplo, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Numa e Ninfa*, romances de 1915, *Os Bruzundangas* e *Coisas do Reino do Jambon*, sátiras literárias de 1923 e 1953, respectivamente, bem como a obra que iremos analisar nesta pesquisa, *Clara dos Anjos*, romance publicado em 1948.

Pode-se dizer que Lima Barreto tinha dentre suas características de escrita, o olhar de denúncia social, tendo em vista que em suas obras o autor apresenta críticas assertivas em relação aos preconceitos de raça, classe e gênero. Natal (2017), ao fazer uma análise da biografia de Lima Barreto, escrita por Lilia Schwarcz, intitulada "*O triste visionário: Lima Barreto e seu tempo*", discorre que:

Escritor militante, em sua literatura e crônicas jornalísticas, Lima jamais se absteve de denunciar "as mazelas da escravidão no Brasil, os mecanismos de humilhação, bem como as diversas formas de racismo por aqui vigentes". Em tal contexto, raça era demarcador de desigualdades, de submissão e de prestígio, de obediência e de mando, capaz de naturalizar diferenças e legitimar um sistema de poder paternalista, exclusivista e racista. (NATAL, 2017, p. 236).

Em geral, sua obra se destaca por colocar em primeiro plano as questões relacionadas à população afro-brasileira, pois quase todos os seus protagonistas são negros, mulatos ou mestiços. Sendo assim, podemos dizer que há uma

preocupação em retratar temas polêmicos que refletem as desigualdades sociais, sobretudo, carrega um senso-crítico visionário diante do seu tempo, uma vez que no momento atual ainda se repercute o racismo estrutural que se evidencia na obra de Lima Barreto. (SCHWARCZ, 2017).

Assim, concordamos com a crítica que afirma que Lima Barreto pode ser considerado como o escritor das desigualdades sociais, haja vista que sua escrita apresenta um ponto de vista objetivo acerca do mundo social e suas divisões econômica, cultural, de gênero e de raça, por exemplo. Segundo Mansano (2020):

O revés da exclusão, aliada à experiência de compreender e se apropriar dos modos de pensar e sentir dos dois mundos que frequentou, fez com que sua literatura assumisse um ponto de vista objetivo acerca do mundo social a partir de sua primeira experiência nesse mundo – no caso, sua visão a partir do mundo dos excluídos. (MANSANO, 2020, p. 11-12).

Ao mencionar a obra “*Intelectuais à Brasileira*”, de Sérgio Miceli (2001), Mansano (2020) observa que a escrita de Lima Barreto, além de ser dotada de aspectos de denúncia social, quando analisamos os temas que discutem raça, classe e gênero em suas obras, apresenta também diferenças na estética de escrita que divergia da escrita de outras obras de sua época.

Vale destacar que quando se fala sobre a ruptura estética presente nas obras Barretianas, refere-se à linguagem escolhida para abordar em seus textos, como também aos assuntos apresentados pelo escritor. De acordo com Coutinho (1972):

Lima Barreto avaliou a miséria estética e humana dos que escreviam sob o intimismo da sombra do poder o que justifica a busca de uma nova literatura que conjugue indissolavelmente a grandeza estética com um profundo espírito popular e democrático, com a aberta tomada de posição em favor dos ‘humilhados e ofendidos’. (COUTINHO, 1972, p. 18).

Como escritor, Lima Barreto se preocupava em dá a voz para população oprimida, as quais sempre estão escondidas pelo o poder político. Quando escrevia suas obras elevava o seu pensamento em uma literatura popular a língua abordada por meio da oralidade e da influência das línguas africanas e indígenas no português brasileiro, de forma significativa em favor a multiplicidade no espaço suburbano, com intuito do leitor se identificar com os personagens em determinada narrativa e contexto histórico e ao mesmo tempo pudesse introduzir reflexões sobre a vida humana.

É dessa forma que o escritor, testemunha as transformações no início do Século XX, adotou uma estética com linguagem deslocada das normas cultas, sendo que sua ética o levou a abordar o espinhoso tema da exclusão dos negros e pobres do processo de modernização. Consciente da função do artista na sociedade e das mudanças e ressignificações da arte, Lima Barreto entendia que a literatura deveria produzir uma emoção estética com caráter social. (MANSANO, 2020, p. 12).

A literatura reflete sentidos e emoções quando é interpretada com ressignificações para nossa vida, tendo, assim, o ato de aproximar a realidade do leitor para o contexto narrativo da obra. Pensando nisso, Lima Barreto demonstra ter consciência que a literatura poderia retratar o universo dos desfavorecidos na sociedade, e, sabendo disso, costumava escrever com uma linguagem clara, simples e objetiva, diferente de outros autores na sua época. Assim, Lima Barreto se diferenciava por sempre resgatar sua essência e seus princípios, o que seria um ponto em comum com o objetivo de suas obras literárias.

Dentre as pautas sociais abordadas por Lima Barreto em suas obras, como já foi exposto anteriormente, a que mais se destaca é a denúncia ao racismo, conforme exemplificamos tomando por base a obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, que Mansano (2020) descreve como a que melhor retrata o sistema de exclusão do racismo. Nesta obra o escritor “mostra os mecanismos de bloqueio de uma sociedade racista e como funciona o racismo”. Desse modo, podemos dizer que Lima Barreto utilizava de sua literatura em favor dos desfavorecidos.

No caso da obra que estudamos, *Clara dos Anjos*, o crítico nos lembra que o romance retrata o período em que o país tenta esconder à abolição escravocrata, a república transforma o final da escravidão como uma questão do passado, transformando esse tema como um conceito invisível. De acordo com Mansano (2020), Lima Barreto segue o caminho contrário ao insistir em nos contar por meio da sua escrita a nossa formação histórica em relação aos nossos laços escravocratas que existem em cada um dos brasileiros. O governo persiste em esconder e passar um efeito de borracha, e, aparentemente a própria sociedade concorda em mascarar o acontecimento histórico do nosso país, desvalorizando as nossas raízes e continuando sem voz, dessa forma, construindo uma espécie de retrocesso na civilização brasileira. (SCHWARCZ, 2017).

1.1 O TEMA DA MULHER NA OBRA DE LIMA BARRETO

A leitura da obra de Lima Barreto ainda se faz importante para compreender a sociedade do início do século XX, principalmente devido ao fato do seu nascimento ter sido em uma época marcada por uma conjuntura muito importante de profundas mudanças sociais que estavam presentes no Brasil no final do século XIX e o início do século XX, em relação às suas abordagens de caráter social, político, econômico, artístico e cultural.

Além disso, especialmente no romance *Clara dos Anjos*, o autor reflete, dentre outros aspectos, a concepção da educação da mulher nessa época, visando informar as condições em que viviam. De acordo com informações colhidas no site *LiterAfro*, criado por membros da UFMG e que abrange conteúdo do mundo das Letras e Literaturas Brasileiras.

Lima Barreto deixou uma obra de relevo, que percorre criticamente a realidade brasileira, em especial os momentos que se seguem ao término da escravidão e à implantação da República. Sua ficção dialoga a todo instante com o jornalismo, seja em termos temáticos – como se pode constatar pela leitura de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, em que o mundo da imprensa ambienta o enredo – seja através do modo realista com que trata os problemas que afetam a vida brasileira do seu tempo. Outra marca indelével de sua obra reside no ponto de vista afro-identificado, que constitui um lugar de fala solidário ao subalterno e sensível aos dramas dos desvalidos, sejam eles homens ou mulheres. Estas últimas, em especial, recebem um tratamento distinto dos estereótipos dominantes à época, sobretudo no que tange à sexualidade da mulher negra, reduzida em muitos escritos do século XIX a mero objeto do desejo e das fantasias brancas e masculinas – animal erótico desprovido de razão e sentimentos. (LITERAFRO, 2022, s/p.).

Vale destacar que naquela época já havia profundos problemas nas relações de gênero e crimes relacionados à mulher por motivos de ciúmes, realidade que se aproxima bastante dos dias atuais, desencadeando um problema social que precisa ser encarado pela sociedade e posto em discussão nos ambientes de formação, visando o combate da criminalidade contra a mulher.

Especificamente quando se pensa na condição da mulher em nossas vivências atuais, fica difícil não notar o quanto ainda se encontram submissas, refletindo os costumes matrimoniais, uma conduta histórica baseada em idealizações que visam alguns tipos de modelos sociais. Em estudo intitulado *A Mulher na Obra de Lima Barreto*, Vasconcellos (1992, p. 70) afirma que “a ótica

discriminada para o sexo feminino varia em função de fatores culturais, de determinadas condições de civilização, de circunstâncias históricas, de estado social e de correntes ideológicas que suscitam condutas e modelam atitudes”.

Ainda de acordo com essa autora, Lima Barreto, ao contrário dos homens de sua época, pontuava essas questões, além de evidenciar as principais transformações que o mundo passava, como a primeira Guerra Mundial, no momento em que o capitalismo avançava em todo o planeta e por conta disso existiam mudanças substanciais no interior do Brasil em relação à República insipiente e a recém caída estrutura escravocrata no Brasil (VASCONCELLOS, 1992).

Na perspectiva de Vasconcellos (1992), *Clara dos Anjos*, ao mesmo tempo em que revela a condição da mulher na época, faz uma crítica social chamando a atenção para a necessidade de a mulher ter autonomia, porém, para isso acontecer seria necessário estudar e trabalhar. Assim, a mulher não deveria ficar dependendo das suas relações matrimoniais que a sociedade impunha como uma única forma a qual a mulher tinha para a realização pessoal e, sobretudo, sobrevivência.

Desse modo, o romance traz um ponto de vista histórico que não pode passar despercebido pelo leitor, aspecto importante a ser considerado no estudo analítico de uma obra literária, conforme afirma Candido (2000, p. 29): “[...] O ponto de vista histórico é um dos modos legítimos de estudar literatura, pressupondo que as obras se articulam no tempo [...]”.

Seguindo essa linha de pensamento, Vasconcellos (1992) declara que este aspecto corresponde à maneira como são produzidas e incorporadas ao patrimônio nacional em uma civilização que tem como poder de construir e ressignificar com o passar dos tempos, ou seja, uma das formas de estudar uma obra literária é com base na consideração do contexto social, pela notoriedade como elas são relacionadas à sociedade da época em que foi contextualizada, produzida e publicada. Portanto, não há como analisar o romance em questão sem considerar este aspecto.

A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira ocorre devido suas raízes no sistema patriarcal vigente até os dias atuais. Nessa perspectiva, Queiroz (2004) discorre que:

A cada momento nos deparamos com notícias em jornais, televisão e rádios que expõem a síndrome de uma sociedade violenta, que se fundamenta em uma organização social desigual de violenta opressão de gênero, perpassada por uma cultura sexista. Cultura essa baseada em uma ideologia legitimadora e reprodutora da desigualdade entre os gêneros. (QUEIROZ, 2004, p. 14).

A violência contra a mulher ocorre não só na forma física, mas revela seu “caráter complexo e multidimensional” (QUEIROZ, 2004, p. 14), ou seja, a violência sexual, o estupro, o assédio, a exploração, bem como a violência psicológica e simbólica se enquadram como outras faces do mesmo fenômeno (QUEIROZ, 2004).

O tema da violência contra a mulher nas obras de Lima Barreto sempre esteve presente: nas situações vividas por suas personagens negras e pobres, na denúncia de problemáticas pertinentes, como a agressão e a violência sexual, por exemplo. Segundo Gama (2015):

Ao espreitar as situações das mulheres populares, Lima Barreto identificava as situações de violência física e simbólica que as envolviam, representada nas agressões físicas e exploração sexual sofridas, na submissão aos domínios masculinos e na absorção dos valores burgueses impostos os quais, na eleição do lugar social feminino ideal, desconsideravam as diferenças socioeconômicas, raciais e culturais existentes entre as mulheres brasileiras, causando enormes danos às parcelas pobres e negras. Essa violência somava-se à obstaculização do acesso dessas mulheres a direitos como a paridade na educação recebida e o emprego público institucional, incorrendo ainda sobre elas o prejuízo das imagens negativas atribuídas ao seu intelecto e à sua cor. Nesse aspecto, Lima Barreto se autorizava a desobediência aos padrões dominantes e colocava as mulheres excluídas em evidência, disparando críticas em seus textos contra os motivos que as faziam viver as situações desrespeitosas. (GAMA, 2015, p. 61).

Tendo em vista, sobre o fragmento citado acima nos remete a reflexões acerca do corpo da mulher negra presa a uma memória processada historicamente e culturalmente falando, no que diz respeito a desvalorização do sexo feminino, uma vez que sua capacidade intelectual é diminuída perante a sociedade, pela a união de um pensamento machista na nossa cultura.

Dessa forma, é de extrema relevância enfatizar que a força do processo escravocrata infelizmente permanece excluindo a mulher negra no âmbito profissional, em tempos em que se diz não haver mais preconceitos em relação à desigualdade social e a inferioridade da cor da raça humana. Portanto, o lugar da mulher negra não é somente em frente de um fogão para saciar a fome de um burguês ou de uma família da elite. Uma vez que, são capazes de construir seus

próprios espaços de se reinventar e acompanhar as transformações sociais, com certo fervor de maturidade comparado ao sexo masculino.

Ainda com base no estudo de Vasconcellos (1992), é possível compreender que a mulher ainda vive subjugada na sociedade como um todo, pois já nasce com o papel secundário imposto, quando a falta de poder e independência se mantêm nas relações interpessoais e sociais. Já que sua “posse”, podemos assim chamar, passa do pai para o marido, a mulher continua sendo subordinada e vivendo na mesma situação de dependência e obediência, uma vez que a última palavra continua sendo a do homem, tais decisões se relacionam diretamente com as escolhas de vida da mulher.

Ao observarmos a ideia da mulher como subjugada às ações do patriarcado a partir dos estudos de Simone de Beauvoir (2016), entendemos que a mulher surge como objetificada, vista como um ser secundário e incompleto, ou seja, a mulher não consegue se firmar enquanto sujeito na sociedade, levando em consideração que o patriarcalismo presente a coloca em uma posição sem dar condições de igualdade, uma vez que está mediada por uma série de questões de poderes sociais que enrijecem essa objetificação sofrida pela figura feminina.

Gama (2015), ao se debruçar sobre a leitura de *Clara dos Anjos*, retrata a objetivação do corpo da mulher negra através da protagonista de Lima Barreto. Desse modo, se torna oportuno observarmos seu posicionamento:

Nesse movimento, o narrador expõe a ferida da exclusão da mulher pobre e negra na sociedade "moderna" do Rio de Janeiro dos primeiros tempos de República, simbolizada na figura de Clara dos Anjos. No contexto analisado, a "falsa educação que recebera", aliada ao seu sexo, também, à sua pouca idade são apontados como decorrentes da subjugação dela. Através desses aspectos, a moça então é vítima do sistema opressor feminino, contudo, ao apontar sua capacidade intelectual, o narrador não desconta seu poder reduzido de pensar que a torna presa fácil da anulação de sua individualidade e a impossibilita de reagir e elevar sua conduta social. (GAMA, 2015, p. 64-65).

Portanto, a partir do exposto, entendemos que quando Lima Barreto escreve no romance a representação da mulher por meio da personagem Clara, dá vida há milhares de brasileiras, relevante à ideia de que o branco mais preto existe e fazem junção do macho e da fêmea, do rico e do pobre, entre lutas de classe e conflitos sociais entre direita e esquerda, tendo como o intuito de nos ensinar a aprender ser mulher e refazer o elo entre os sexos. (VASCONCELLOS, 1992).

No entanto, Vasconcellos (1992), menciona nas palavras acima o conceito social que predomina sob a educação da mulher, pois no período da escravidão no Brasil, o homem branco tinha total domínio sobre as mulheres escravas invadindo sua conduta moral. Lima Barreto enfatiza em sua obra em destaque um poder autoritário entre o sexo masculino e feminino e lutas de classe social, desde épocas passadas, sofre notoriamente um retrocesso mediante a nossa herança cultural, relevante a conceitos formados por uma má educação.

Portanto, ao ler a obra *Clara dos Anjos*, nos permite questionar a sociedade em relação aos nossos direitos como mulher, a história de Clara se apresenta como uma forma de ensinamento, assim como o desfecho da obra, pois abre um leque de percepções, no que diz respeito à luta da mulher negra.

Além disso, poder reeducar o conceito das famílias brasileiras sem a “angústia”, sentimento esse que está conectado em ser mulher em sua complexidade, uma vez que possibilita ao leitor, ao analisar a obra, o entendimento crítico dos problemas sociais vigentes, como o preconceito racial, a desigualdade econômica e de gênero.

2 IDENTIFICANDO E CARACTERIZANDO OS PERSONAGENS CENTRAIS DE CLARA DOS ANJOS

Antes de iniciarmos uma análise mais específica sobre os personagens que compõem a trama do romance *Clara dos Anjos*, trazemos algumas considerações acerca da análise literária da narrativa a partir de Cândida Gancho (2004) em seu livro intitulado de “*Como analisar narrativas*”, com base no qual retomamos informações acerca da leitura literária do gênero em prosa.

Segundo a autora, o ato de narrar se conceitua como uma “manifestação que acompanha o homem desde sua origem” (GANCHO, 2004, p. 01). Entretanto, quando se diz respeito à palavra literatura, tanto pode-se dividir os tipos de narrativa, como também em relação a tipologia, bem como dos tipos de narradores possíveis na construção do enredo.

De acordo com a autora, os tipos de narrativa mais conhecidos e difundidos atualmente são os Romances, as Novelas, os Contos e as Crônicas (GANCHO, 2004). Para sermos mais diretos com nosso propósito de análise, falamos aqui apenas sobre a tipologia em que se enquadra a obra *Clara dos Anjos*, nesse sentido, podemos reconhecê-la como um romance, tendo em vista sua construção na história, ou seja, quantidade de personagens, páginas, conflitos, entre outros aspectos apontados a partir da teoria de Cândida Gancho, bem como pelos aspectos presentes na composição da escrita.

Para a autora, “o romance é uma narrativa longa, que envolve um número considerável de personagens, maior número de conflitos, tempo e espaço mais dilatados” (GANCHO, 2004, p. 02). Assim, analisamos os aspectos especificados acima na obra escolhida, identificando que *Clara dos Anjos* pode ser classificada como romance, levando em consideração que é composto por 150 páginas, divididas em 11 capítulos, sendo narrada por um narrador onisciente neutro, ou seja, que narra em terceira pessoa os acontecimentos da trama sem intervir nela.

De acordo com Franco e Oliveira (2009, p. 62), o narrador onisciente “é o narrador que fala em terceira pessoa, e também aquele que sabe tudo sobre a história, o narrador que relata os fatos e explica cada um dos personagens”.

O seu amor a Clara era um sentimento doentio, absorvente e mudo. Queria a filha sempre junto a si, mas quase não conversava com ela, não a elucidava sobre as coisas da vida, sobre os seus deveres de mulher e de

moça. A não ser no caso de Cassi, que o seu instinto de mãe falara mais alto do que a sua inércia natural, nunca punha em prática uma medida eficaz que traduzisse amparo e direção de mãe na conduta da filha. Pensava, mas não chegava ao ato. (BARRETO, 2008, p.100).

Portanto, percebe-se que o narrador em terceira pessoa especifica o tipo de personalidade a qual faz juízo a personagem Engrácia, e detalha características comportamentais em relação ao cuidado exagerado sob a filha, sem intervir.

No que se refere ao espaço e ao tempo em que ocorre o romance, vimos que a narrativa se passa no Rio de Janeiro, mais especificamente no início do século XX. Na perspectiva de Micheletti (1998):

Lima Barreto, nessa obra, apropria-se da técnica de escritores realistas, fazendo com que o narrador se aproxime de seu leitor a partir de descrições parciais e minuciosas, numa espécie de acúmulo de pequenas informações. Usa (...) o lugar em que moram, trabalham ou se divertem para definir a posição social e construir o perfil psicológico dos personagens. (MICHELETTI, 1998, p.137).

Silva e Palhares (2011) apresentam cenas do romance para confirmar sua teoria quando retratam o tempo e o espaço apresentados na obra, o que acreditamos ser pertinente apresentar, uma vez que a análise geral da obra se faz presente apenas como aspecto complementar para chegarmos ao ponto que importa nessa pesquisa, sendo esse a análise dos personagens, em específico à situação da mulher negra na obra supracitada. De acordo com os autores:

Através dessa concepção, observa-se que o narrador, em Clara dos Anjos, relata, inicialmente, com detalhes, o espaço onde acontece a história. [...] As habitações, retratadas pelo narrador, compõem o panorama que abriga os personagens centrais desse romance. Os relatos nele mostrados revelam um lugar carente, tanto pela falta do dispositivo sanitário, quanto pela dinâmica estrutural das casas. Entretanto, o narrador mesmo diante de aspectos degradantes advindos do meio físico, se coaduna com seu leitor através de uma linguagem emotiva, resgatando elementos de tempos passados. [...] O espaço urbano projeta-se sob um cenário que contrapõe as duas faces de uma mesma realidade espacial: aquela representada pelo pobre – oprimido –, e outra, onde se estabelece o sujeito que ascende socialmente – dominador [...] A transformação do espaço público e, por conseguinte, do modo de vida e da mentalidade carioca, ocorre a partir de padrões totalmente novos para a população. Nesse sentido, Clara dos Anjos revela contextualmente “retalhos da vida suburbana”, assim como as mudanças urbanas numa sociedade que se mostra a partir das tensões presentes no romance, e talvez no próprio ambiente vivido por Lima Barreto. (SILVA; PALHARES, 2011, p. 138-139).

Portanto, Silva e Palhares (2011), ambos contextualizam os retalhos da vida suburbana e também revelam as transformações urbanas na sociedade carioca, esclarecendo para os leitores a relação da vida do autor Lima Barreto com seus personagens, acerca das problemáticas sociais presentes no romance.

Após essa breve introdução analítica sobre a obra em geral, destinaremos essa segunda parte do trabalho para a identificação e caracterização dos principais personagens do romance analisado, a começar por *Clara dos Anjos* e seu núcleo familiar a partir da óptica do próprio autor Lima Barreto. Para isso, utilizamos as contribuições de Cândido (2010) e Brait (2006) sobre a construção do personagem e sua relação com a realidade.

Brait (2006), em sua obra *A Personagem*, desenvolve um estudo sobre a personagem enquanto imitação de uma realidade, podendo ser enxergada enquanto sujeito, enquanto pessoa dentro da obra, por estar limitada ao seu espaço na literatura, mesmo apresentando aspectos e características da realidade vivida pelo autor.

A construção de personagens obedece a determinadas leis, cujas pistas só o texto pode fornecer. Se nos dispusermos a verificar o processo de construção de personagens de um determinado texto e, posteriormente, por comparação, chegarmos as linhas mestras que deflagram esse processo no conjunto da obra do autor, ou num conjunto de obras de vários autores, temos que ter em mente que essa apreensão é ditada pelos instrumentos fornecidos pela análise, pela perspectiva crítica e pelas teorias utilizadas pelo analista. (BRAIT, 2006, p. 68).

Ainda segundo Brait (2006), os personagens podem desempenhar funções dentro do texto, sendo elas, elemento decorativo, quando não existe a partir do ponto de vista psicológico. Sendo assim, uma personagem que aparece na história por ser necessária para o desenrolar da trama, mas que não necessariamente é aprofundada enquanto pessoa; agentes da ação, sendo esses os personagens que contribuem diretamente com o desenvolvimento dos conflitos e contextos da história; o porta-voz do autor, sendo esse “a soma das experiências vividas e projetadas por um autor em sua obra”; e, por fim, o ser fictício como forma própria de existir.

No que se refere aos personagens agentes da ação denominados por Brait (2006) como contribuintes diretos para o desenvolvimento dos conflitos e contextos da história, ou seja, que participam ativamente das cenas, bem como tem uma construção psicológica mais elaborada, podemos enquadrar tanto Joaquim dos

Anjos e sua esposa Engrácia, além de Dona Margarida, Clara, Cassi, Marramaque e Meneses. (BRAIT, 2006).

Exemplo nítido disso temos Joaquim dos Anjos e Engrácia que têm, no decorrer da obra, seus pensamentos, ideologias, costumes e culturas apresentados pelo narrador, como por exemplo quando cita a religiosidade da família, em que não eram adeptos de nenhuma, mas que concordavam no batismo de todos os filhos da Igreja Católica. (BRAIT, 2006).

A estigmatização da mulher negra perante a instituição do casamento, as tendo como inamáveis. Em *Clara dos Anjos*:

[...] mesmo sentindo um grande complexo de inferioridade, a pobre moça aposta na própria virgindade para tentar galgar os degraus de um mundo de valores brancos e burgueses, supondo que Cassi represente os valores da metrópole higienizada e embranquecida, suficientemente branqueadores para apagar as nódoas de sua raça e de sua miséria econômica e social, sem perceber que por ser mulata, vigora um velado (pré)conceito [...], inscrevendo moças como Clara no âmbito de uma conduta social pautada pela amoralidade. (LIMA, 2021, n.p).

De fato Lima Barreto, faz questão em enfatizar as condutas morais e sociais em relação à posição exclusiva da mulher negra no nosso país, frisando em um contexto cultural completamente dominado pela voz ativa do homem, a personagem se dá de uma forma angelical, a qual preza a pureza e a inocência, devido a sua educação na época, de forma isolada sem expectativas, acreditava que o tal Cassi poderia ser uma espécie de anjo ou príncipe encantado na sua vida, a sua infantilidade e ingenuidade acabou se deixando levar pela lábia do violeiro de modinhas.

Ressalta a conduta da mulher direcionada a pensar somente em atividade doméstica em razão de um possível e futuro casamento agregando uma possibilidade de esperança na vida das mulheres. Além de objetificar tais mulheres na cultura patriarcal que predomina o machismo por parte de ambos os sexos, fazendo refletir quais motivos que resultavam na mulher negra não ser vista moralmente pela sociedade de uma forma íntegra em relação a ser capaz de construir um casamento sólido, e relacionar diretamente ao preconceito racial em ser de origem pobre.

A personagem Clara era classificada em um contexto de pobreza, suas qualidades eram destacadas como meiga, simples, boa dona de casa, uma moça

modesta, além de apresentar características físicas semelhantes à origem mestiça herdada pelos seus pais.

O desfecho final da história demonstra com clareza a situação de Clara na sociedade, é o momento em que ela se conscientiza sobre o acontecido e se certifica que se tornou mais uma vítima acometida por Cassi. Para o leitor, não há dúvidas de que Clara se arrepende em ter entregado sua honestidade de moça, logo, pensa no seu já falecido padrinho, poderia ter ouvido seus conselhos, os quais foram ignorados, já não espera mais por Cassi na janela do seu quarto, percebe-se que foi iludida. Momento esse em que o narrador faz questão de enfatizar, de forma explícita, que um dos maiores fatores que levou o final de Clara a ser esse foi a sua educação de vigilância e de mimos que recebeu dos seus pais, a qual é considerada como um erro.

Em um momento de desespero Clara pensa em tirar a sua própria vida, depois repensa na circunstância e opta em abortar a criança que estava esperando no seu ventre, mas com a ajuda e apoio de Dona Margarida percebe que essa opção não seria a melhor saída. Contudo, depois de sofrer a humilhação e discriminação pelo seu estereotípico por parte de dona Salustiana na frente da casa dos pais de Cassi, finaliza questionando que nós como mulheres se não tivermos direito a nada perante o que as leis nos concedem, não somos nada nesta vida, e acabamos não exercendo um papel de protagonistas em nossas vidas, e sim uma personagem invisível para a sociedade.

O seu ideal na vida não era adquirir uma personalidade, não era ser ela, mesmo ao lado do pai ou do futuro marido. Era constituir função do pai, enquanto solteira, e do marido, quando casada. (BARRETO, 2008, p.98).

Sem instrução Clara, como qualquer outra mulher, tinha como aspecto psicológico o apego por Cassi, mesmo às vezes percebendo algumas atitudes estranhas por parte do galã sedutor, logo, a sua cegueira sinalizava uma espécie de bloqueio à realidade. A ausência do tão sonhado amado correspondia no seu comportamento, que oscilava entre alegria e tristeza, uma vez que, eram preenchidos em idealizações, sonhos ao lembrar-se das cantigas de modinhas cantadas por ele e juras de amor, promessas de amor eterno e a que respeitaria para sempre.

O romance começa com a narração sobre a história de Joaquim dos Anjos, que tinha como características físicas um cabelo crespo, era pardo-claro, um homem de condição e origem simples nascido nos arredores de Diamantina, apreciador de modinhas e tocador de flauta, porém nunca teve desejo de ampliar os seus conhecimentos musicais, não havia ambição por sua parte. Em certo momento começou a trabalhar para um inglês que estava em busca de diamantes, através de mineração, mas no desenrolar da história Joaquim decide mudar-se para o Rio de Janeiro, começa a trabalhar em um emprego público, como carteiro, e passa a morar em uma casinha modesta no subúrbio.

Muito contente e satisfeito pelas suas pequenas conquistas, já casado há quase vinte anos com Dona Engrácia, juntos tinham Clara como única filha, por este motivo, havia certo zelo, cuidado especial pela filha. Seus pais só permitiam sair dentro de casa com a presença da vizinha, Dona Margarida, por ser uma viúva muito séria e respeitada pela sociedade, porém sua saída de casa acontecia de forma rara somente aos domingos para ir ao cinema do Méier ou Engenho de Dentro, pois seu pai Joaquim não gostava em sair dia de domingo, que era reservado para seu prazer predileto de jogar o solo com os companheiros habituais Marramaque, seu compadre, e Lafões, seu amigo. No mais, como aspecto psicológico podemos ressaltar a ausência do horizonte de expectativa formada por sua ingenuidade acerca de tudo que acontecia ao seu redor.

Em seguida, temos como personagem Dona Engrácia que era filha de antigos escravos apesar de ter pele mais escura tinha o cabelo liso, nascida em casa dos Teles, foi criada com mimo recebeu boa instrução para a sua condição de sexo, mas, logo que se casou como era de costume naquela época, sua situação de posicionamento social era voltada somente para dedicar-se ao lar, e deixado de lado os estudos.

Casada com Joaquim seu comportamento como mulher perante a sociedade era extremamente reservada não gostava de sair aos domingos para acompanhar sua filha Clara, como também em outro dia qualquer da semana, era sedentária e caseira, além de ser totalmente submissa ao seu esposo, era sempre colocada em segundo plano, não tinha voz e obedecia às ordens do esposo aos fazeres doméstico.

Quem conhecesse intimamente Engrácia, havia de ficar espantado com a atitude decisiva que tomou em relação à visita de Cassi. O seu temperamento era completamente inerte, passivo. Muito boa, muito honesta, ativa no desempenho dos trabalhos domésticos; entretanto, era incapaz de tomar uma iniciativa em qualquer emergência. Entregava tudo ao marido, que, a bem dizer, era quem dirigia a casa. (BARRETO, 2008, p. 55).

Diante dessa reclusão, do isolamento social e a constante vigilância de cuidados maternos, foi um verdadeiro empecilho para apontar e comentar exemplos e fatos que esclarecesse a consciência da filha, assim, reforçando o caráter, de uma forma que pudesse impor resistência aos perigos que havia sob Clara.

Dona Margarida é apresentada como uma mulher forte, de opinião certa e uma índole impecável, sempre ajuda Clara e sua família da forma que pode, auxilia Dona Engrácia quando Clara queixa-se de dor de dente, ou quando se coloca a ensinar a jovem bordados e costuras, bem como quando ajuda Clara a contar a sua mãe sobre a gravidez e acompanha a jovem para contar aos pais de Cassi sobre o ocorrido.

As “personagens de costumes” são, portanto, apresentadas por meio de traços distintivos, fortemente escolhidos e marcados; Dona Margarida era mulher alta, forte, carnuda, com uma grande cabeça de traços enérgicos, olhos azuis e cabelos castanhos tirando para louro. Toda a sua vida era marcada pelo heroísmo e pela bondade. Embora nascida em outros climas e cercada de outra gente, o seu inconsciente misticismo humanitário, herança dos avós maternos, que andavam sempre às voltas com a polícia dos czares, fê-la logo se identificar com a estranha gente que aqui veio encontrar. (BARRETO, 2008, p.144).

Entretanto, podemos observar algumas das características marcantes da personagem, por exemplo, sua honestidade e coragem herdada de sua naturalidade alemã, além de ressaltar o grande carinho pela qual tinha por Clara, pois tinha um enorme sentimento de afeto pela família do carteiro, mas, no seu íntimo havia questionamentos por não entender a simplicidade, maneira de enxergarem a vida sem maldade, julgando a capacidade intelectual de não terem opinião de refletirem sobre a realidade social, a qual lhes cercavam.

Já Marramaque aparece na história como o padrinho de Clara, muito zeloso, amicíssimo de Joaquim, era um homem preocupado em como a sociedade se dividia, entendia sua posição social e os problemas recorrentes a ela, sempre falava de política nas rodas de conversa com Joaquim, Meneses e Lafões, mostra-se contra a ida de Cassi ao aniversário de Clara por saber de sua fama de sedutor. Era

um personagem marcante pela coragem de encarar a vida com fatos reais, entretanto, morreu assassinado por Cassi e seu companheiro Arnaldo por tentar distanciar e defender Clara dos perigos que correria nas mãos do malandro.

O terceiro capítulo do livro é dedicado para enfatizar alguns traços acerca da personalidade de Marramaque em relação a sua origem e o seu estilo de vida. Portanto, nascido em uma cidadezinha do Estado do Rio, nas proximidades da Corte, havia concluído seus estudos primários e seus pais empregaram-no num armazém da cidade, em uma época marcada pela escravatura. Ele era melancólico e vivia debruçado ao balcão do armazém gostava de contar histórias, diferente do seu pai trabalhador, reservado e econômico, havia herdado características de sua mãe que embora quase branca, tinha evidentes traços de índio e também amava melancolias e cantava modinhas.

Marramaque escondia em seu íntimo um vasto desejo de vazar suas mágoas e seus sonhos, um forte sentimento de justiça que lhe acompanhava devido à época da escravidão, no qual tinha vivido na sua infância e lhe causado revoltas. Como amante do poeta das *Primaveras* de Casimiro de Abreu se enchia de esperança em busca de novos horizontes em relação a vida.

Na velhice depois de dois ataques de apoplexia, apesar do estado de sua saúde, nunca deixou de conviver com seus companheiros e amigos boêmios literários acerca das manifestações políticas. Engajado na política, buscava sempre ler os jornais locais da região, então, mantinha-se informado de tudo o que acontecia ao seu redor, por esse motivo sabia de todas as artimanhas do tocador de modinhas, tinha convicção que Cassi era má companhia e que poderia vir a desrespeitar os valores morais de Clara.

O personagem Marramaque, melhor amigo dos pais de Clara, padrinho da moça, a defendia a todo custo, tentava sempre abrir os olhos de Clara em relação a moral de Cassi Jones, por exemplo, quando o narrador cita “Marramaque parecia-lhe seu inimigo. Sempre que podia, contava-lhe mais uma proeza, mais uma falcatrua de Cassi, não lhe cansava o assunto.” (BARRETO, 2008, p. 99).

Retomando Brait (2006), especificamente quando a autora discute a ideia do personagem a partir de sua relação com o narrador, vale a pena destacar o que afirma acerca do narrador em *Clara dos Anjos*, categorizando-o como sendo um narrador onisciente, em terceira pessoa. Para a autora:

Esse tipo de narrador tem uma câmera privilegiada, que vai construindo por meio de pistas fornecidas pela narração, pelas descrições e pelo diálogo o perfil das personagens que transitam pela intriga e simbolizam o mundo que ele quer retratar. (BRAIT, 2006, p. 57 *apud* SANTOS; JOB, 2016, p. 3).

Ou seja, o narrador onisciente, em terceira pessoa, não narra o que está vivendo naquele momento, mas o que ocorre ao seu redor, a história e os conflitos de outros sujeitos, considerando seus contextos, suas realidades, não se envolvendo em nenhum momento com os personagens, mas presente para nos informar o que se passa.

Logo em seguida, no contexto narrativo é apresentado mais um amigo de Joaquim, o sr. Lafões, que era guarda das obras públicas, de origem portuguesa chegou ao Brasil ainda menino. Por ocasião de mais uma confusão de Cassi a delegacia contribuiu para que ele conhecesse Lafões, que também se encontrava preso por ter cometido um distúrbio num botequim. Devido a uma promessa que Cassi havia feito para Lafões, ajudá-lo a sair da cadeia com apoio de um chefe político conhecido, mas, na verdade Lafões conquistou sua liberdade sem qualquer intervenção do tal chefe político, ele sempre foi grato e o defendia Cassi com grande ardor. Vivia em círculos limitados, por ser um homem simplório tinha o hábito de ver o valor dos homens nas roupas e no parentesco. (BARRETO, 2008).

No aniversário de Clara dos seus dezessete anos, Lafões foi o responsável em apresentar o galã sedutor, claro, com a permissão de Joaquim e Engrácia depois de muita insistência. Diferente de Marramaque, Lafões tinha pequena visibilidade de compreensão a respeito do mau caráter sedutor de moças inocentes e vulneráveis como Clara.

Meneses, que era o dentista sem instrução, amigo de Joaquim, teve o papel de intermediário da correspondência de cartas do casal, é descrito na história como um homem bêbado, pobre, que fora enganado por Cassi para fazer a ponte de contato entre o malandro e a jovem Clara.

Foi para a casa do carteiro. Está tratando dos dentes da filha e almoça quase sempre lá. Ele precisava, coitado do doutor Meneses! – um homem ilustrado, velho, doente – quase não comia; era só beber. Isso lhe fazia mal, estava requeimando “ele” por dentro... Pode-se beber; mas é preciso comer - não acha? (BARRETO, 2008, p.84).

Esse personagem teve como papel importante para o desfecho do enredo, pois foi o ponto crucial de comunicação entre Cassi e Clara, depois do sedutor ter

destinado um determinado tempo estudando um meio para se aproximar da jovem moça. Logo, o violeiro encontrou em Meneses uma porta de acesso para colocar em prática suas malícias, então, se aproveitando do estado de miséria da qual se passava pelo dentista lhe propôs um acordo em troca de ajudá-lo financeiramente em suas despesas.

Assim, Meneses deveria entrar em contato com o Leonardo Flores, um poeta para escrever lindos versos de amor poético se passando por Cassi Jones, detalhando seus sentimentos pela a amada, mas antes de fazer juras de amor, vitimava-se alegando que seus pais no primeiro momento não poderiam saber da relação entre os dois, tendo em vista as fofocas da vizinhança que costumavam relatar sob Cassi, e também pelo motivo do seu padrinho e Dona Margarida serem contra a aproximação de ambos e por estar desempregado.

Contudo, filho de pais portugueses, José Castanho de Meneses, nasceu em uma cidade do Litoral - Sul do Estado do Rio de Janeiro, naquela época as cidades locais eram prósperas, mas com o passar dos tempos a situação do comércio foi se modificando e a loja que seu pai tinha na localidade seguiu o caminho da decadência. Diante disso, seu pai se sentiu obrigado literalmente a suprimir despesas, das quais se destacava em primeiro, claro, a educação e instrução dos filhos. A partir disso, o romance retrata a trajetória de vida de Meneses marcada por altos e baixos, e, devido à falta de estrutura financeira para se sustentar, Meneses se viu à mercê de situações vulneráveis trabalhando como dentista sem ser capacitado, e na sua velhice veio a falecer de complicações cardiovasculares. (BARRETO, 2008).

A personagem Salustiana exerce o papel da mãe de Cassi, a qual ressalta uma figura materna protetora passando por cima de quaisquer obstáculos que possam prejudicar seu filho, jamais poderia perder a posição social de uma dama com sobrenome familiar de grande prestígio, além de ser extremamente preconceituosa, racista, tinha como pensamento predominante o machismo de uma forma cultural vinculada suas raízes patriarcalistas. Portanto, o sobrenome Jones vendava de certa maneira o olhar dos moradores que residiam no subúrbio, como também a sociedade elitizada sinônimo de respeito.

Manuel Borges de Azevedo e Salustiana Baeta de Azevedo. O Jones é que ninguém sabia onde ele o fora buscar, mas usava-o, desde os vinte e um anos, talvez, conforme explicavam alguns, por achar bonito o apelido inglês.

O certo, porém, não era isso. A mãe, nas suas crises de vaidade, dizia-se descendente de um fantástico Lord Jones, que fora cônsul da Inglaterra, em Santa Catarina; e o filho julgou de bom gosto britanizar a firma com o nome do seu problemático e fidalgo avô. (BARRETO, 2008, p. 20).

Entretanto, recebia todas as confissões do próprio filho, porém a sua vaidade de pertencer à sociedade da elite era maior ao ponto de não admitir para si mesma tamanha perversidade era seu filho, tinha repúdio em pensar que Cassi casaria com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta. Não era muito querida, nem prezada, mas se assegurava por ter um irmão médico do Exército, com o posto de capitão e também por ter estudado em um colégio das Irmãs de Caridade. Era dona de um orgulho fissurado em sua alma. (BARRETO, 2008).

Nesse círculo familiar discutido em diferentes personalidades e perspectivas, o qual reúne uma série de estereotípicos que se perpetua perante as facetas que o realismo de Lima Barreto nos propõe a um convite eterno de reflexões em relação ao comportamento humano na sociedade.

O pai de Cassi, Manuel Borges de Azevedo, tinha vergonha do seu filho, ao contrário da mãe, pois era um homem verdadeiramente sério, de poucas ideias, e familiarizado no emprego público que exercia há cerca de trinta anos, tinha profundos sentimentos morais, que lhe guiavam a conduta no seu comércio com os filhos, porém, nunca foi afetuoso como os filhos e evitava todas as exhibições de exageros sentimentais. Mas, era capaz de estimá-los profundamente e amá-los sem abdicar, entretanto, em relação ao seu compromisso sob a paternidade era capaz de julgá-los lucidamente e puni-los consoante a natureza das suas respectivas faltas. (BARRETO, 2008).

Apesar de tudo, o Sr. Manuel consentia as covardias do filho, pois não podia fazer nada a respeito, em casa a única pessoa que dirigia a palavra com Cassi, era a mãe, até um determinado tempo frequentou a casa de seus pais, após um acontecimento doloroso, provocado pela perversidade de Cassi, a qual fez o pai tomar medidas cabíveis de expulsá-lo de casa e da mesa doméstica, porém não foi expulso de tudo, devido à intervenção de sua mãe.

Havia recebido a notícia nos jornais de mais uma covardia cometido por Cassi, teria sido a causa do suicídio da mãe de Nair, pois ele tinha desonrado sua filha, mais uma vítima do violeiro sedutor. Manuel seu pai, lhe denominou de sem

senso moral e assassino, e disse para a sua mulher Salustiana que não queria mais a presença de Cassi na mesa da refeição da família, ficando totalmente transtornado e indignado pela a maldade do filho.

Em *Clara dos Anjos*, Cassi Jones é descrito como um homem branco, de classe média, músico galanteador e cafajeste, porém ao analisarmos a partir da teoria de Cândido, vemos a personificação do malandro no personagem, tendo em vista que:

O pícaro anda por diversos lugares e entra em contato com vários grupos e camadas [...] O malandro como o pícaro é espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores. [...] o pragmatismo dos pícaros [...] visa quase sempre ao proveito ou a um problema concreto, lesando frequentemente terceiros na sua solução [...]. (CÂNDIDO, 2010, p. 70-71).

Cassi Jones de Azevedo, era um verdadeiro típico de malandro carioca. Devido sua educação era um homem incapaz de trabalhar, costumava ganhar a vida em jogo, em brigas de galo, comissões de agente de empréstimos, gostava de andar nas ruas do subúrbio em busca de presas, moças de família, até mesmo mulheres casadas, sem distensão de cor, porém suas vítimas tinham que ser de família desfavorecida. Ele se assegurava socialmente alegando em ser um rapaz de família, o qual carregava um sobrenome do exterior, segundo a sua mãe.

Caracterizado por ser um personagem vilão da narrativa, Cassi quando se encontrava no subúrbio era considerado um homem branco devido suas vestimentas e o modo como costumava usar o seu cabelo repartido ao meio e ensopado de óleo, a cor da sua pele chamava tanta atenção que encobria suas imperfeições, como as sarnas, como era insignificante de rosto e de corpo, quando seu personagem era visto no trem na central e chegava ao centro do Rio de Janeiro, sua caracterização era vista pelo narrador como um mulato ou mestiço, assim, como é a população brasileira. Vale salientar que o personagem tinha noção dessa diferença de caráter social.

Empregava uma posição romântica, toda a arte de um amor antigo, escolhia bem a vítima, tinha o dom de observá-las psicologicamente, mesmo agindo de inconscientemente, escrevia cartas de amor com riquezas de detalhes, fingia sofrer, simulava estar apaixonado, impressionava o coração das moças, as quais residiam no subúrbio carioca. A pobreza e o pouco acesso à instrução, eram fatores das

quais favoreciam a concentração de esperança, a felicidade em um grande amor eterno, uma paixão correspondida para essas jovens moças infelizes.

Entretanto, o violão e modinha eram seus cúmplices para consumir seus covardes crimes, sabia aproveitar o estado de alma de suas vítimas, verificava minuciosamente o terreno propício para atingir a vulnerabilidade das moças suburbanas.

Assim, partindo da perspectiva teórica sobre o personagem malandro na literatura, analisaremos a figura de Cassi Jones enquanto o malandro do romance *Clara dos Anjos*. Segundo Adorno (2020):

A obra intitulada *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto apresenta um personagem com característica malandro, Cassi Jones de Azevedo. [...] Cassi Jones é um rematado malandro, que utiliza a boa aparência, roupas da moda e muita lábia para seduzir mulheres pobres. Aliás, além da esperteza, grande parte dos personagens malandros possuem também o perfil de sedutores, conquistam várias mulheres, exploram-nas e as abandonam. O protagonista sempre foi mimado, incapaz de exercer qualquer trabalho ou se dedicar a qualquer tipo de esforço físico, além de ser extremamente vaidoso. Devido a uma educação permissiva e que nunca lhe fixou qualquer limite, julgava-se no direito de fazer o que bem lhe aprouvesse em relação às mulheres que porventura cruzassem o seu caminho. (ADORNO, 2020, p. 284).

De acordo com Adorno (2020), mencionado na citação acima, ressalta características comportamentais do personagem Cassi Jones, personificando a malandragem carioca por meio da retratação do vilão da história, uma vez que gostava de se apresentar como um bom moço e com a aparência cuidada, para demonstrar para as moças do subúrbio que era um rapaz respeitável. No entanto, havia herdado a vaidade da mãe, era incapaz de se dedicar algum esforço físico, devido a sua má educação repleta de mimos que resultava em uma conduta desmoralizante, em relação ao tratamento com que tinha sobre as mulheres, por ventura cruzassem o seu caminho.

No decorrer da história, Lafões de forma inocente proporcionou o início prévio do desfecho da história o levando para a casa de Clara, o que não poderia imaginar que Cassi provocaria um grande desequilíbrio na vida da moça, por ventura, carregaria complicações eternas e uma virada de jogo na sua realidade.

Se sentindo um pouco ameaçado diante de tamanha proteção que havia nos arredores de Clara, o desejo de remover todos os obstáculos que se opunham a sua aproximação com a protagonista do romance era a sua maior meta. Dona

Margarida, seu padrinho Marramaque e sua mãe Engrácia não gostavam dessa ideia dos dois se aproximarem. Entre suas famas, além do violeiro sedutor, tinha fama de valente e navalhista, mas, era mais propaganda enganosa do que de fato real, porém, a força de valente era mantida, e muitos se intimidavam. Marramaque como homem de grande influência no jornalismo e em revistas não admitia que Cassi levasse fama de artista, já que o vilão metido a galã era considerado um quase analfabeto.

Portanto, no próximo capítulo adentraremos no contexto da obra em relação ao espaço social em que se enquadra a mulher negra em Lima Barreto no início do século XX, fazendo uma analogia narrativa da história de Clara com a mulher de hoje, mediante suas transformações ao longo do tempo.

3 A MULHER NEGRA EM LIMA BARRETO É A MESMA DE HOJE? O QUE MUDOU?

Conforme no que já foi apresentado, sobretudo no que diz respeito aos personagens do romance de Lima Barreto, podemos afirmar que a mulher negra tem uma grande importância no contexto narrativo do romance *Clara dos Anjos*, na relação do que a personagem representa de forma cultural, histórica e também socialmente falando, já que remete a situações vulneráveis como a pobreza e de forma direta e indiretamente a ligação da aparência, no que é visto pelo o estereotípico, associadas com as raízes afrodescendentes deixadas como herança, as quais são introduzidas na obra em forma de preconceito racial.

Vale destacar, em primeiro ponto, o que tem por trás da discriminação da mulher negra descrita em *Clara dos Anjos* por Lima Barreto, em relação à objetificação do corpo conectado historicamente com a escravidão no Brasil, o que faz uma alusão à história de vida do autor, enfatiza que a personagem principal passa no decorrer da sua trajetória por uma série de preconceitos efetuada tanto pela parte da mãe do vilão do romance, como também pelo próprio Cassi.

Dona Salustiana rejeita Clara por pertencer a uma família pobre que reside no subúrbio carioca. Sofrendo discriminação pela cor que reveste o seu corpo, Clara é apontada por Salustiana como desrespeitosa, sem conduta e com a moral ferida. Percebe-se que esse contexto narrado pelo o autor, ainda continua de forma latente na vida das mulheres e que muitas vezes são despedaçadas por elas mesmas, no que diz respeito ao apoio feminino.

No contexto posterior, visto que Cassi aponta Clara como um brinquedo de fácil utilidade, resumindo-a em algo que deva ser usado e descartado rapidamente após saciar suas necessidades carnis, observamos que o comportamento de Cassi para com Clara remete à época da escravidão em que as mulheres negras eram desejadas pelos homens brancos, tendo como função de sempre os servir para realizarem trabalhos domésticos e sexuais. Nesse sentido, *Clara dos Anjos* é uma obra da qual podemos afirmar que há contexto de base interna de grande influência acerca de elementos culturais, os quais são responsáveis por reproduzirem o machismo estrutural.

O segundo ponto diz respeito a aspectos psicológicos por parte da protagonista, que são antecedidas pelo vínculo familiar, o qual faz contraste com

suas frustrações, ao ponto de desmerecer a própria vida, pensar em suicídio após conscientizar da trágica perda em relação a sua moral perante a sociedade, e por se enquadrar em uma grande porcentagem de mulheres negras sem expectativas de qualidade de vida.

Essa qualidade de vida retratada, pode-se relacionar com uma ótima educação repassada pelos pais para atingir e garantir uma qualificação de emprego, que possam garantir às mulheres negras uma estruturação financeira, autonomia, e, conseqüentemente se assegurar afetivamente. Tais fatores liga-se diretamente com a dependência da personagem em mendigar o amor de Cassi Jones, além do desejo de ser reconhecida pela família do mesmo e pela sociedade constituída por àqueles que se auto definem como protagonistas do poder político pertencente ao público das direitas ou da elite.

A personagem principal do romance *Clara dos Anjos* vive um amor romântico, podemos dizer até platônico, com o vilão da história, Cassi Jones, uma vez que a jovem é iludida e sonha com uma vida que na realidade não terá e que se aproxima dos contos de fadas. Assim, como o já caracterizado, Cassi se apresenta como um violeiro sedutor das mocinhas ingênuas, preferencialmente as negras e pobres do subúrbio carioca. Ele tinha como porto seguro para as suas aventuras a proteção da sua família e das relações de amizade com pessoas influentes. (BARRETO, 2008).

O romance acaba acontecendo de forma clandestina, ou seja, sem a permissão dos pais de Clara, que era superprotegida por sua mãe, demonstrando não ter nenhuma experiência com a vida e, talvez, por isso, tenha sido incapaz de perceber a maldade intencional de Cassi sobre sua pessoa.

Na medida em que Clara vai conhecendo Cassi Jones, ela vai se encantando pela imagem que ele transmitia, como sendo uma boa pessoa. Clara, por ser inexperiente, acaba por se “cegar” nessa relação, deixando-se seduzir pelo vilão.

A filha do carteiro, sem ser leviana, era, entretanto, de um poder reduzido de pensar, que não lhe permitia meditar um instante sobre o destino, observar os fatos e tirar ilações e conclusões. A idade, o sexo e a falsa educação que recebera, tinham muita culpa nisso tudo; mas a sua falta de individualidade não corrigia a sua obliquada visão da vida. Para ela, a oposição que, em casa, se fazia a Cassi, era sem base. Ele tinha feito isto e aquilo; mas — interrogava ela — quem diria que ele fizesse o mesmo em casa de seu pai? Seu pai — pensava ela — estava bem empregado, relacionado, respeitado; ele, portanto, não seria tão tolo, que fosse desrespeitar uma família honesta, que tinha por chefe tal homem. De resto, esses rapazes não são culpados do que fazem; as moças são muito oferecidas... Com raciocínios desse jaez e semelhantes, Clara, na

ingenuidade de sua idade e com as pretensões que a sua falta de contato com o mundo e capacidade mental de observar e comparar justificavam, concluía que Cassi era um rapaz digno e podia bem amá-la sinceramente. (BARRETO, 2008, p. 99).

Logo, o fragmento citado acima enfatiza o pensamento machista impregnado na sociedade sob uma ótica feminina relevante a submissão da mulher, mediante a falta de instrução e amplitude de expectativas, e ao mesmo tempo marcado pela inocência que persiste em cumprir a função de cegar a visão da personagem principal em relação à conduta do mal feitor no presente contexto narrativo, no sentido de ferir a integridade social e moral. Apresenta a visão, moldada culturalmente, pelo patriarcado, bem como pela ingenuidade da protagonista em relação aos problemas e acontecimentos dos fatos reais da vida que acometia, com base da criação reservada que teve.

É importante destacar que a personagem central do enredo da história contava com os seus dezessete anos, ou seja, estava saindo da adolescência e iniciando uma fase de mulher jovem. Por estar em um período de transição tudo era muito novo, um momento de descobertas, ainda carregava no seu íntimo mais profundo percepções e ideologias de menina pura. O imaginário de Clara acaba enxergando Cassi como sendo a figura do seu próprio pai Joaquim, como filha conserva uma ótica de amor paterno que remete a proteção, cuidado, carinho e atenção, e quando ela conhece realmente de fato Cassi, espera em atingir suas expectativas, enquanto na realidade a mesma se vê em um caminho contraditório.

O trecho a seguir corresponde à passagem do texto em que Clara abre seus olhos, haja vista que até certo momento ela ainda se encontrava cega de amor por Cassi, o que remete a um contraste de expectativa e realidade. Esse espaço do enredo destaca um determinado evento de choque à tomada de consciência de que Cassi a havia escolhido pelo o seu estereótipo e ao mesmo tempo desamparada pela a sociedade, o que ressalta o “medo” do julgamento por estar grávida e possivelmente a certeza de que será uma mãe solteira no futuro. É nesse momento em que Clara reconhece a verdade, saindo do seu mundo de fantasias e idealizações e adentrando no mundo real, no qual tem que lidar com as verdades e suas consequências.

- Quincas não está aí – disse-lhe Dona Engrácia. – Ele saiu cedo...
- O senhor pode telefonar para a Repartição dos Correios - lembrou Clara.

- Lembrei- me disso, mas não sabia a seção.

A filha disse-lhe e o doutor Praxedes, muito diplomaticamente, ergueu-se todo e, ao despedir-se das senhoras, desculpou-se:

- Vossas Excelências não de me perdoar. Não podia deixar de vir até aqui. Sabia de dois amigos íntimos do doutor Meneses; um era o Senhor Cassi, mas este está fora...

Clara espantou-se:

- Está fora!

- Ué, Clara! – fez Dona Engrácia. – Que espanto!

- Não, porque ainda há dias “Seu” Meneses disse a papai que estivera com ele – fez Clara disfarçando.

- Deve ser há algum tempo, minha senhora – aventou Praxedes, com toda a delicadeza de voz; - porque há bem quinze dias que embarcou para São Paulo, em Cascadura. Eu até me despedi dele.... (BARRETO, 2008, p.141).

Neste momento, Clara percebe que foi abandonada por Cassi e descobre toda verdade sobre ele, uma vez que o mesmo lhe escolheu por ser de origem pobre e mulata. Alguns fatores que contribuíram para esse fato, os quais destacam a sua simplicidade de vida, sua boa-fé e a inocência que lhe tinham completamente cegado. O narrador questiona a educação feminina vinculada à sociedade a dirigir-se somente para a espera de um homem, ressalta denúncia ao padrão educacional da época, que só havia intuito de estimular às preocupações domésticas e a ligação do estado de pobreza com a discriminação racial. (BARRETO, 2008).

Concordamos com Alves (2010) quando enfatiza que a mulher negra e o abandono afetivo, destacando o fato de que essa mulher não é enxergada como alguém que mereça o amor, possuindo quase nada em experiência com este sentimento. Nessa perspectiva, o abandono afetivo e moral das mulheres retratados na época que se passa o romance atravessa os limites imaginários da obra de Lima Barreto e, até mesmo, do tempo, pois todo o contexto narrado pelo o autor não se prende apenas a sua obra ou à época, mas na realidade em que estamos inseridos, pois que todos os dias há muitas Claras sendo abandonadas por Cassis, que sofrem tanto com o abandono emocional quanto com as condições que têm que viver posteriormente.

No ponto de vista social, Alves (2010) enfatiza a posição da mulher negra em termos de alcançar o inatingível que é se enquadrar no padrão ordenado pela sociedade. Atualmente, a questão da desigualdade social não se encontra em uma posição diferente da realidade de Clara, se compararmos com a época em que o romance foi contextualizado.

As mulheres negras carregam um peso estrutural e terminam sendo reféns e oprimidas pela cor e têm a impressão que a cor da pele estabelece um código de

limitações, é nítida a falência de sonhos de expectativas de vidas direcionadas a esse público em questão, a sociedade impõe limites e proíbe a essas mulheres se sentirem no direito de não acreditarem no próprio potencial, desmerecendo a competência de conhecimento em suas vidas, se predem a um único caminho de labuta.

Na sociedade que vivemos, observamos o machismo e o racismo desvelado e ainda assim mascarado, de modo que a mulher negra acaba por sofrer duas vezes, por ser mulher e por ser negra. Assis (2018) afirma que a opressão da mulher negra também é observada no âmbito educacional, haja vista que esta é precarizada e pouco incentivada, bem como com alto índice de evasão escolar, uma vez que as mulheres negras abandonam a escola para auxiliar no provimento da casa. E por consequência, as oportunidades de empregos destinadas às mulheres negras acabam sendo de cargos baixos na sociedade.

Dessa forma, pode-se afirmar que a mulher negra se encontra na base da sociedade de inferioridade, tendo em vista que no âmbito econômico, é o grupo mais desvalorizado em relação às oportunidades de emprego, uma vez que:

Para as mulheres brancas de classe média um trabalho remunerado é considerado importantíssimo para se alcançar autonomia e embora sejam necessárias políticas sociais que viabilizem melhores oportunidades e igualdade para as mulheres no mercado de trabalho, as mulheres brancas possuem mais facilidade de ingressar no mundo do trabalho, para as mulheres negras e pobres, a inserção no mercado de trabalho é precoce e precarizada, o que as oferecem oportunidades desvantajosas e inferiores as que são oferecidas para as mulheres brancas, ainda que as mulheres negras possuam escolaridade superior, elas são destinadas a ocuparem cargos de menor destaque, de certo modo o fato das poucas chances de ingresso no mercado de trabalho para as mulheres negras, está vinculado a situação de mulheres negras comporem a base da hierarquia social. (SILVA, 2011 *apud* ASSIS, 2018).

O racismo social estabelece inferioridade, desenvolve uma luta de classe e de gênero (Masculino e Feminino). As mulheres negras estão sempre direcionadas a empregos considerados de baixa renda como: cozinheira, faxineira e lavadeira, encontram dificuldades de se efetuar profissionalmente por meio de estudos, e quando conseguem atingir objetivos de ingressar em um curso superior, por exemplo, muitas vezes sofrem diferenciação em relação ao tratamento. Esse tratamento relaciona-se como a definição de pessoa diante suas origens, no caso na mulher negra, consideradas periféricas e pobres, diferente das mulheres brancas que são vistas e conside-

radas bem sucedidas no âmbito de trabalho por deduzirem que a cor branca pertence ou faz parte de classes sociais de alto custo financeiro.

Segundo Beauvoir (1967, p.9), “[...] NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher [...]”, portanto, a sociedade permite que a mulher se comporte de maneira secundária, sempre a comando da voz do homem, passando da figura do pai e depois para a autoridade do marido. A liberdade da mulher ao longo da trajetória de lutas e conquistas de direitos foi recorrente a questão de permanência de *status* diante do olhar social. Hoje em dia, o comportamento social vem se modificando, em relação ao casamento, em alguns casos, a mulher divide o cuidado do lar e entre outros espaços, mas as atividades domésticas são divididas de forma recíproca com o eventual esposo.

A figura da mulher negra é estigmatizada socialmente, uma vez que seu corpo e comportamento são marcados por preconceitos e comentários de mau gosto, mas que ao mesmo tempo em que é hiperssexualizado e erotizado, servindo apenas de objeto para prazer masculino. Dessa forma, nas relações românticas as mulheres negras também sofrem, pois são consideradas indignas de amor, carinho, respeito, afeto e atenção pela sociedade preconceituosa em que estamos inseridos. A conduta de caráter de a mulher negra estar conectada ao juízo de valor que a sociedade sobrepõe.

Nessa mesma perspectiva, em entrevista para o site “*Claudia*”, a ativista do feminismo negro Stephanie Ribeiro explica:

A mulher negra sempre foi a subalterna, hiperssexualizada, ou seja, não é para você construir uma relação. [...] Por isso, não consigo pensar que nenhum indivíduo é educado socialmente para ver pessoas negras como sujeitos, como dignas, múltiplas em suas qualidades e sentimentos. E a gente também tem muito internalizado essa ideia de relacionamento de amor à primeira vista: conheço um estranho e imediatamente me apaixono por ele, como num conto de fadas. Então, se você não enxerga os negros como pessoas, não tem como dar a eles a possibilidade de construir qualquer tipo de relação com eles. Não é simplesmente achar alguém atraente, é não dar a oportunidade de ver essa pessoa como alguém como você, que também tem histórias, vontades, gostos, habilidades, ou seja, similar a você em toda a sua complexidade humana. (RIBEIRO, 2016, n. p).

O trecho acima reflete um pouco o que Clara sofreu nas mãos de Cassi, ele, por sua vez, a classificou pelos seus trejeitos sem permitir que a conhecesse sua história, o que tinha atrás de um corpo e um rosto jovem era muito mais do que algo supérfluo. Assim, de acordo com o que descreve Lima Barreto (2008), havia no seu

interior de Clara expectativas e sonhos com características românticas, como se assegurar na sociedade através de um casamento, construir uma família e também sentir-se amada pelo seu tão sonhado esposo.

No ponto de vista literário, o papel da mulher negra na jovem república refere-se ao trabalho braçal ou sexo, e tudo se encontra em conjunto com a mobilidade socioeconômica, Cassi, por ser um homem branco, a vida social oferece conforto e privilégios ao contrário de Clara que, apesar de não apresentar nenhum defeito de caráter, é atacada e silenciada. Todo esse contexto de tratamento vivenciado por Cassi e Clara nos remete ao racismo, machismo e marca a solidão da mulher negra. Segundo Silva (2015):

A exemplo de outras obras de Lima Barreto, Clara dos Anjos traz à tona temas que denunciam o preconceito racial, as desigualdades de classes e a condição inferior da mulher representadas em sua máxima fragilidade, vivendo em uma sociedade tradicionalmente patriarcal, cujos costumes denotavam ainda herança da escravidão. Na referida obra percebemos, dentre outros aspectos, as relações de desigualdade entre os gêneros, em particular no contexto do casamento, e a pretensa superioridade masculina frente à mulher, cuja condição é de dependência e submissão. (SILVA, 2015, p. 83).

No romance supracitado, é visível a desigualdade de gênero. Conforme observa Silva (2015), na história os papéis de gênero se fazem de formas distintas. Para os homens, definem-se as características a partir de sua posição no mercado de trabalho, sua profissão, enquanto as mulheres são representadas por suas características físicas.

As qualidades são: (1) meiga, que transparece no sentido de voz dócil, que não se eleva para demonstrar poder ou superioridade; (2) simples, demonstrando a condição de pobre, enquanto ele pertence a uma família bem situada economicamente; (3) modesta, que sugere a ausência de qualquer pretensão de superioridade; e (4) boa dona-de-casa, para que enfim ela venha assumir o papel de passiva, dependente do marido e capaz de cumprir os mandos do chefe patriarcal. (SILVA, 2015, p. 85).

Nota-se em *Clara dos Anjos* que a mulher aparece em duas realidades, a primeira refere-se à submissão aos desejos e quereres dos maridos, bem como impostos pelo patriarcado, como é o caso de Dona Engrácia, que vive para cuidar da casa e da família, de Dona Etelvina, irmã de Meneses, que vive para sustentar o barraco que moram ela, o irmão e o filho, onde além dos afazeres domésticos, costura, lava e passa roupa para outras pessoas em troca de alguns trocados para

manterem-se alimentados, Dona Margarida, que aparece como uma viúva alemã que após a morte de seu marido e tendo herdado algum dinheiro de sua família, compra uma casinha no subúrbio, vizinho a casa de Clara, e lá vive para cuidar de seu filho e bordar e costurar para fora.

Naquela época, as mulheres eram reféns de regras redigidas pela sociedade. Aprisionadas, não havia liberdade sexual, nem tão pouco beneficiamento em relação a conquistas profissionais. De acordo com os padrões sociais até pouco tempo atrás, a figura do homem era vista como o único chefe da casa, portanto, a mulher mesmo casada não obtinha da sua liberdade total, as leis institucionais mantinham a desigualdade matrimonial. Segundo Vasconcellos (1992, p. 72), “[...] e o nosso **código civil**, no artigo 233: O marido é o chefe da sociedade conjugal por deter o poder econômico”. No artigo 246, é atribuída a mulher o dever de obediência ao marido [...]”.

No entanto, a submissão da mulher no passado era o que prevalecia diante das leis, as quais não visualizava e tão pouco ampliava a garantia dos seus direitos. Se a mulher negra, em especial, trabalhasse fora do lar e não dedicasse totalmente as tarefas domésticas e vestissem roupas inadequadas, eram condenadas e subjugadas. Esse retrato prévio de conduta foi o início de uma nova era no mundo feminino conduzido por transformações que caminhou por décadas a passos de tartarugas, essa nova etapa se refere ao poder da mulher de opinião própria.

A punição por não estarem seguindo os mandamentos exigidos pela construção social, culturalmente, a mulher era mal falada e recebia xingamentos de cunho abusivo e desrespeitoso, que denigria sua honra e honestidade, além de serem definidas como prostitutas. Entretanto, podemos comparar essa forma de pensamento social da época com os novos conceitos vistos nos dias atuais, em que as mulheres são visivelmente retratadas de uma maneira mais aceitável perante aos olhos da sociedade, acerca dos novos costumes que são atribuídos na cultura do nosso país.

Mas, mal sabiam elas que com esse comportamento de atitudes um pouco a frente da época, hoje em pleno século XXI seriam nomeadas como mulheres revolucionárias e feministas, graças à força e a coragem dessas mulheres ousadas no passado, estamos vivenciando conquistas, presenciando novos espaços que oportuniza a voz da mulher negra e de todas as cores.

Hoje em dia, notoriamente a posição da mulher perante a lei e a sociedade é vista com mais respeito e igualdade em relação às leis contempladas no passado, a mulher cada vez mais vem se aperfeiçoando profissionalmente, conquistando aos poucos novos papéis fora do lar, assim agregando autonomia em diferentes aspectos da sua vida, uma vez que a capacidade de pensar e refletir de forma crítica tudo o que acontece ao seu redor, estar presente no cotidiano da atualidade da mulher moderna, visto que a transformação do comportamento feminino gera novos horizontes de expectativas, sendo assim, a amplitude de novos conceitos sociais são visíveis.

Mediante a esse conceito podemos citar como exemplo no Brasil a Constituição Federal de 1988 que prevê a igualdade entre homens e mulheres, a proibição da discriminação por sexo e a ampliação dos direitos civis, sociais e econômicos das mulheres. (BRASIL, 1988).

No entanto, o país também fornece recursos de repressão à violência doméstica familiar contra a mulher, para isso contamos como apoio a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006), que estabelece medidas de assistência e de proteção, assim, como a Lei do Minuto Seguinte (Lei 12.845/2013) oferece garantias a vítimas de violência sexual, como assistência imediata pelo SUS, com acesso a exames clínicos preventivos e informações sobre direitos, amparos médico, psicológico e social. (dados retirados da plataforma “mulher segura”).

Tendo em vista, a Lei nº 10.639, de nove de janeiro de 2003, faz referência à obrigatoriedade do ensino de “história e cultura afro-brasileira”, dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio, sobretudo, é de suma importância contextualizar a educação das “mulheres negras”, portanto, tem como objetivo principal assegurar e valorizar a diversidade cultural, pois a escola precisa conhecer e valorizar outros vínculos históricos e culturais, assim, inovando o repertório escolar em seus currículos, em projetos pedagógicos e nas relações estabelecidas no ambiente estudantil.

Dessa forma, promovendo uma educação mais inclusiva e diversificada, visto que o objetivo dessa lei é combater o racismo em nossa sociedade através da educação, haja vista que em nosso sistema educacional existe uma supervalorização da história e cultura branco-europeu o que despromove a cultura africana no país. Vale destacar, que a lei da história e cultura afro-brasileira também

estabelece o dia vinte de novembro como o “Dia Nacional da Consciência Negra,” no calendário escolar.

Em geral, são Leis que provocam mudanças no paradigma institucional, asseguram mulheres que sofrem agressões físicas e psicológicas, uma forma de prestar sororidade, informarem-lhes que elas não estão sozinhas, apesar do sistema de segurança e cidadania a essas mulheres muitas vezes se apresentarem de maneira errônea, as Leis são essenciais no contexto de defesa da mulher, porém acomete falhas que deveriam ser aprimoradas, mas que fogem dos limites de discussão do nosso trabalho.

Já partindo de uma ótica diferente, podemos perceber a mulher enquanto objeto de desejo, sendo considerada apenas como algo para satisfazer sexualmente os homens, e, conseqüentemente acabando sem um rumo certo na vida, como é o caso de Inês, que fora criada por seus pais e que após Cassi desvirginá-la e engravidá-la fora posta para fora da residência, pois a mãe não suportava a ideia de que seu filho casasse com uma mulher preta, como também ocorreu com Luísa, a empregada do Dr. Camacho; Santinha, uma jovem que auxiliava a mãe nos bordados que costurava para fora; Nair, uma jovem filha de um falecido membro do exército, que após engravidar, tem a mãe suicidada por ver a desgraça que a vida de sua filha se tornaria dali para frente, entre outras moças que são citadas rapidamente. (BARRETO, 2008).

A partir do que foi exposto no decorrer desse trabalho, podemos afirmar que a mulher, em especial a mulher negra e pobre, sofre na sociedade preconceitos escancarados. Tanto em relação a sua cor, quando são discriminadas por serem crioulas, como ocorre quando as vítimas de Cassi procuravam Dona Salustiana para tomar medidas cabíveis, bem como em relação a sua posição enquanto mulher na sociedade, que por um lado as tinha como produto, objeto de satisfação para o prazer dos homens, tendo seus corpos sexualizados, subjugados ao viés da prostituição, como acontece com Madame Bacamarte, por exemplo, e por outro lado são tidas como submissas e subservientes aos desejos dos homens com quem casam-se, como é o caso de Dona Engrácia ou que residem junto, como é o caso de Dona Etelvina, conforme lemos na obra.

Percebe-se, portanto, que a mulher negra descrita por Lima Barreto em sua obra não diverge tanto da mulher negra que existe hoje, pois ainda são vistas socialmente a partir de seu gênero e sua cor, sendo moldadas e estigmatizadas a

partir do que a sociedade patriarcal propõe. Nas notas de Schwarcz e Galdino, na edição de *Clara dos Anjos* realizada pela Editora Penguin (2012), os autores explicam que o autor Lima Barreto utiliza dessas problemáticas e da personagem de Clara como uma porta-voz de seus pensamentos enquanto pessoa, não só enquanto escritor.

É como se Lima Barreto, unido à sua própria ficção, mostrasse, por meio de sua personagem feminina, como, a despeito de toda cultura, crítica e diferenciação, ao final, todos os indivíduos negros, mesmo aqueles que já não conhecem mais a realidade da escravidão, terminam por lembrar de sua condição original. (BARRETO, 2012, p. 294).

A todo o tempo as mulheres sofrem algum tipo de violência, e quando isso acontece acaba se multiplicando por duas vezes essas violências, de modo que primeiro é realizada pelo próprio agressor, e segundo pela sociedade em geral, e principalmente, pelo poder público que, muitas vezes, abandonam os direitos das mulheres.

Portanto, enquanto a sociedade continuar vitimando manipuladores abusivos como o personagem Cassi Jones, haverá diversas histórias a exemplo de Clara, por isso, cabe à sociedade em geral e, também as mulheres a obrigação em solidarizar umas com as outras. Não se calar, não sentir culpadas e juntas se articular e posicionar perante a sociedade, aprender a dizer não a privações e sim à autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos, pois, que a literatura de Lima Barreto, em especial a narrativa *Clara dos Anjos*, é um dos seus diversos trabalhos que melhor pode representar com propriedade os pensamentos ideológicos de sua época, seus contextos e preconceitos. Pós-abolicionista, ainda dotada de políticas públicas precárias para os libertos, bem como com pensamentos racistas, a obra *Clara dos Anjos* nos traz a reflexão dos preconceitos raciais, a desigualdade econômica e de gênero ao partir de uma leitura com linguagem fácil e que exprime em seu enredo os males de nossa sociedade, como defendemos em nosso trabalho.

Clara dos anjos possibilita uma reflexão, denunciando a discriminação racial e social, aspecto recorrente na obra de Lima Barreto. A obra desperta a necessidade de atentar-se a realidade de desigualdade social e a vulnerabilidade suburbana da mulher negra, bem como a ausência da voz feminina na periferia.

Entretanto, cada personagem escrito por Lima Barreto em suas obras corresponde a si próprio. Sobretudo, nos detalhes prescritos na narrativa da época, entre eles, as características físicas, sociais e psicológicas dos personagens, os quais representa a população negra e africana no Brasil. Um dos maiores pilares da história do Brasil é a questão racial, que infelizmente nos dias atuais continua sendo um fator de invisibilidade, sobretudo, em aspectos de carência, a qual é vista tanto nos subúrbios do Rio de Janeiro e na pobreza em geral que cerca o país.

Vale ressaltar, que o retrato da desigualdade social e o preconceito vão muito mais além do que uma simples questão de origem, foi uma opção do próprio autor em realizar um projeto literário oportuno que pudesse dar a voz a essa população, a qual é discriminada pela sociedade elitizada e pelo poder político.

Os problemas sociais citados pelo o autor ainda continuam sendo repercutidos na atual república democrática, a exemplo da corrupção e do racismo, sobretudo, constituindo falhas governamentais que permanecem presente no cotidiano da sociedade, e, conseqüentemente, os meios culturais também são afetados.

Não podemos deixar de mencionar o lado visionário do autor em relação às mulheres, sobretudo, negras, no que diz respeito à inferioridade de gênero, crimes relacionados a abusos sexuais, feminicídio bem como violência física e moral, entretanto, são preconceitos associados ao público feminino. Então, como autor,

Lima Barreto se afirmava um degrau acima dos outros escritores daquela época de uma forma humanizada, justamente por ter um olhar cuidadoso e atencioso em consideração às mulheres em si.

Nesse sentido, entendemos que o autor da obra sempre teve um propósito de incentivo por meio da literatura a busca de novas expectativas, em relação à educação da mulher, e a todos os dilemas que envolve discriminações que a sociedade tende a maquiar conceitos, dos quais ajudam a crescer cada vez mais a desigualdade social no país.

Portanto, através desta pesquisa foi possível avaliar a obra por meio da análise dos personagens principais, especificamente aqueles do núcleo familiar da protagonista, considerando seus aspectos culturais, históricos e sociais. Ao longo da pesquisa, apontamos os pontos de desigualdade social e racial vivenciados por *Clara dos Anjos*, ressaltando a atualidade do romance de Lima Barreto como uma obra de grande importância para o debate em torno do preconceito racial vivido pela mulher na Literatura Brasileira.

Sendo assim, pode-se concluir que o trabalho concede a ampliação do debate acerca do papel da mulher na sociedade atual, especialmente a mulher negra, que ainda sofre grande pressão social devido sua etnia e origem, e continua tendo sua voz silenciada e sua existência subjugada. Nesse sentido, concluímos que é de extrema importância que todas as instituições de ensino, e a própria sociedade passe a encarar o preconceito estrutural que ainda persiste no tempo presente, refletindo o racismo que Lima Barreto denuncia em seu romance, bem como respeitar os marcos legais que criminalizam o racismo no Brasil.

Nesse sentido, vale salientar a grande importância da leitura do romance *Clara dos Anjos* em sala de aula, pois possibilita estudante a identificar e compreender discursos que envolvam as problemáticas sociais associadas à discriminação racial que sofre a mulher negra, além das questões da desigualdade social e de gênero nos espaços profissionais.

Assim, trabalhar a obra *Clara dos Anjos* com a turma pode ter o objetivo de determinar e atender o horizonte de expectativas dos alunos através da realização de uma leitura socializada da obra, contextualizando os problemas históricos e culturais que resulta em uma denúncia crítica sobre a objetificação da mulher negra e a todos os tipos de violência que a mesma sofre na sociedade devido à cultura patriarcal que não se distancia nos tempos atuais.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, V. N. M.; BOTOSO, A. Os personagens malandros de Lima Barreto. **ANAIIS DO CONGRESSO DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA**, v. 1, n. 1, 2020. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/CPLL/article/view/6963>. Acesso em: 6 mar. 2022.
- ALVES, CLAUDETE. **Virou Regra?** 1. ed. São Paulo: Scortecci Editora, 2011.
- ARAÚJO, Ellen Margareth Dias Ribeiro. Dissonância e Antagonismo: A representação Literária de Lima Barreto no Romance Clara dos Anjos. **Estudos de Sociologia**. Araraquara, v. 23, n. 44, 2018.
- ASSIS, Camila Vieira da Silva. Mulheres Negras, opressões, feminismo negro e entretenimento. IN: SEMINÁRIO CETROS. 6. 2018. **Anais...Itaperi**, 2018. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/425-51242-15072018-114301.pdf. Acesso em: 08 de março de 2022.
- BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Paulus, 2008.
- BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: A experiência vivida**. Vol. 2. Tradução: Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BOTELHO, DENILSON. Floreal e o Jornalismo no Tempo de Lima Barreto. IN: INTERCOM-SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTADOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 29, 2006. **Anais...** Brasília: UNB, 2006. Disponível em: [118258169979454836199055070200094661781.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/anais/118258169979454836199055070200094661781.pdf). Acesso em: 12 jun. 2022.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- BRASIL. **[Constituição (1988)]**. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.
- CÂNDIDO, Antônio. Dialética da Malandragem: Caracterização das Memórias de Um Sargento de Milícias. in.: **Revista IEB**, n. 8, São Paulo, USP, 1970, p. 67-89.
- CÂNDIDO, Antônio. A Personagem do Romance. In: **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2010, p 53-80.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Nacional, 1970.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 58, 2003.

DADOS BIOGRÁFICOS: LIMA BARRETO. **LiterAFRO**, 2022. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/450-lima-barreto>. Acesso em: 13 fev. 2022.

FIRMINO, Thais Thadeu. **As personagens femininas nos Romances**. Artigo (Graduação em Letras - Português). 20 f. 2018. Universidade de Brasília, Brasília - DF, 2018.

FUKS, Receba. Livro Clara dos Anjos: resumo e análise. **Cultura Genial**. 2022. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/livro-clara-dos-anjos/>. Acesso em: 06 mar. 2022.

FRANCO, Jefferson Luiz, OLIVEIRA, Silvana. **Teoria Literária 1**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009.

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Lima Barreto. **eBIOGRAFIA**. 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/lima_barreto/#:~:text=Em%201909%2C%20Lima%20Barreto%20estreu,interior%20sofre%20s%C3%A9rios%20preconceitos%20raciais. Acesso em: 13 fev. 2022.

GAMA, Maria Sandra da. **Entre Mulheres e Fronteiras, um escritor: Lugares do feminino na obra de Lima Barreto (1902-1922)**. 202 f. 2015. Dissertação (mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN, 2015.

GANCHO, Cândida Vilarés. **Como analisar narrativas**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2004.

LIMA, Marcos Hidemi de. Pobre, Mulata e Mulher: a estigmatização de Clara dos Anjos. 2021. **LiterAfro**. 2021. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/28-critica-de-autores-masculinos/446-pobre-mulata-e-mulher-a-estigmatizacao-de-clara-dos-anjos>. Acessado em: 04 de março de 2022.

MANSANO, Silvana. **Literatura e Engajamento: Lima Barreto, um pensador social do Rio de Janeiro na Primeira República**. 116 f. 2020. Dissertação (mestrado em

Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Marília, 2020.

MICHELETTI, Guaraciaba. Contra o racismo e a injustiça. In: BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. 11. ed. São Paulo: Ática, p. 03 – 07, 1998.

MOURA, Cristiane. Corpo Feminino e Liberdade em Beauvoir: uma análise feminista fenomenológica. **Em Curso**, v, 7, 2021. Disponível em: <https://www.emcurso.ufscar.br/index.php/emcurso/article/view/291>. Acesso em: 04 mar. 2022.

NATAL, Caio Meneguello. O triste visionário: Lima Barreto e seu tempo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros [online]**. 2017, n. 68, p. 235-240. ISSN 2316-901X Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i68p235-240>. Acesso em: 13 fev. 2022.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução: Angela M. S. Côrrea. 2. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

QUAIS leis e serviços protegem as mulheres vítimas de violência de gênero? **Plataforma Mulher Segura**. 2021. Disponível em: <https://www.mulhersegura.org/direitos-das-mulheres/voce-nao-esta-sozinha/quais-leis-e-servicos-protegem-mulheres-vitimas-de-violencia-de-genero>. Acesso em: 02 jul. 2022.

QUEIROZ, Fernanda Marques de. **Não se rima amor e dor**: Representações sociais sobre a violência conjugal. 276 f. 2004. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife – PE, 2005.

RIBEIRO, Sthepanie. A mulher negra não é vista como um sujeito para ser amado. **Site Cláudia**. Transcrição por: STEVAUX, Débora. Nov. 2016. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/a-mulher-negra-nao-e-vista-como-um-sujeito-para-ser-amado/>. Acesso em: 19 de fev. 2022.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. 2. ed. – São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Erick Pablo Alves dos., JOB, Sandra Maria. O personagem de ficção: breves concepções teóricas. IN: COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB, 3. 2016. **Anais...** Breves, 2016. Disponível em: <https://www.coloquiodeletras.ufpa.br/downloads/iii-coloquio/artigo-erick.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2022.

SILVA, A. DOS R.; PALHARES, C. V. T. A construção do espaço em “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto. **Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaio**, n. 18, p. 136-144, 28 out. 2011.

SILVA, Ana Gabriella Ferreira da. **Representações do Negro em Clara dos Anjos de Lima Barreto**. 124 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TAVASSE, Ana Paula.; RÊ, Eduardo.; BARROSO, Mariana Conteras.; MARQUES, Mariana Dutra. O que são os direitos das mulheres? **Equidade**. 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/o-que-sao-os-direitos-das-mulheres/>. Acesso em: 02 jul. 2022.

VASCONCELLOS, Eliane. **A mulher na obra de Lima Barreto**. Revista Travessia, n. 25. p. 70-79. 1992.

VERDAN, Tauã Lima. Dialogando com Clara Dos Anjos: uma análise transdisciplinar da ficção de Lima Barreto. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Disponível em: <<https://semanaacademica.org.br/artigo/dialogando-com-clara-dos-anjos-uma-analise-transdisciplinar-da-ficcao-de-lima-barreto>>. Acesso em: 06 mar. 2022.